

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O JOGO RELACIONAL ENTRE O TOXICODPENDENTE E A SUA FAMÍLIA

ANA MATOS

RESUMO: A conflituosidade do sistema familiar do toxicodependente é praticamente uma evidência, não só enquanto contexto relacional perturbado mas também como perturbador. Perante este facto realizou-se um estudo exploratório, procurando um conhecimento mais aprofundado do tema, onde, para além de se chegar à mesma conclusão que outros autores já tinham afirmado, deparamo-nos com um outro aspecto constante ao longo do discurso dos indivíduos – as contradições discursivas. Este aspecto surge como proveniente do que nos parece um «pernicioso» jogo relacional familiar.

Palavras-chave: Toxicodpendência; Família; Contexto relacional; Perturbações.

RÉSUMÉ: La conflictualité dans le système familial du toxicomane est pratiquement une évidence, pas seulement comme un facteur relationnel

perturbé, mais aussi perturbateur. Devant cette évidence, on a fait une petite recherche, cherchant une connaissance plus approfondie du thème, et au-delà d'arriver à la même conclusion d'autres auteurs, on a trouvé un autre aspect constant au long du discours des sujets – les contradictions discursives. Cet aspect apparaît comme réportable, de ce qu'il semble, à un jeu relationnel familial «pernicieux».

Mots-clé: Toxicomanie; Famille; Contexte relationnel; Troubles.

ABSTRACTS: The conflicts within the drug addict family are practically evident, not only because they show a disturbed relationship, but because they are also a disturbing factor. So, a little investigation was carried out, in order to have a deeper knowledge of the theme, and beyond arriving to the same conclusion of other authors, we discovered another constant factor along the individuals' speech – the discursive contradictions. This aspect comes from, what it seems, a "dangerous" family relational game.

Key Words: Drug addiction; Family; Relational context; Troubles.

1. INTRODUÇÃO

«A *toxicodependência* é um encontro de personalidade, de um produto e de um momento sociocultural». O consumo de drogas é uma interação entre «*substance, set and setting*» (Thimothey Leary, 1957⁽¹⁾, citado por Ribeiro, 1995). Os “poderes” das substâncias psicoactivas não se limitam aos seus efeitos farmacológicos e a sua utilização só ganha corpo se atendermos à sua relação com a própria história e interações sociais. A toxicodependência deverá ser considerada tanto uma doença como uma solução para aliviar as dificuldades da vida, na encruzilhada de factores de ordem social, psicológica e biológica (Geismar-Wierviorka, 1998). Não faz sentido procurar compreender e explicar a toxicodependência fora do seu contexto familiar. Tendo em conta toda a importância que a família comporta no processo de desenvolvimento do indivíduo, quer seja consciente ou inconsciente, é pertinente estudar a sua influência no surgimento, desenvolvimento e manutenção da toxicodependência. Qualquer comportamento examinado isoladamente do contexto familiar onde foi gerado, corre o risco de adquirir significados que estão longe das causas desses mesmos comportamentos. A análise do sistema familiar verifica-se essencial.

Actualmente, o estudo de um sintoma ou de uma perturbação de comportamento de um dos membros da família é compreendido e analisado no contexto dinâmico das relações intrafamiliares. Para Cordeiro (1994), qualquer que seja o problema que surja na vida do indivíduo, obter conhecimento acerca dos mecanismos de funcionamento familiar que influenciam e condicionam (objectiva, subjectiva ou fantasmaticamente) os movimentos individuais dos seus membros, permite recolher dados primordiais para a compreensão e intervenção no fenómeno. A dinâmica familiar influencia os processos de desenvolvimento psicológico, tanto funciona como um facilitador do desenvolvimento pessoal (Gimeno, 2001) como pode converter-se numa *camisa-de-força* (Fleming, 1996).

A família e o seu papel na compreensão da toxicodependência ganharam corpo ao longo de várias décadas. Um novo conhecimento tem-se vindo a gerar e a consolidar sobre o estudo do papel da família na compreensão da toxicodependência. O enquadramento familiar do toxicode-

pendente é recente. A relação toxicodependente/família tem suscitado inúmeras investigações nos últimos anos, embora em Portugal os trabalhos empíricos produzidos nesta área sejam ainda escassos.

2. REVISÃO DA LITERATURA

A toxicodependência não se desenvolve sem um terreno psicológico propício, tendo em conta que os factores externos dependem dos factores internos com que se deparam. Ela vai operar tanto como meio de defesa, como sintoma, inscrevendo-se na dor psíquica. As substâncias psicoactivas, intervindo e interferindo nas emoções, participam no controlo dos conflitos internos e externos, e na manutenção da unidade da pessoa. Daí que «*as fases de aceleração da toxicodependência são sempre associadas a momentos de crises pessoais e ambientais*» (Morel, Hervé & Fontaine, 1997: 92). A droga vai contaminar toda a identidade do sujeito, alimentando-se das debilidades da estrutura da personalidade e da precariedade dos vínculos sociais.

Compreende-se porque não se pode pensar num tratamento da dependência apenas sob o ângulo do consumo de drogas. Não é o aniquilamento do *self* que se procura com as drogas e sim a possibilidade de viver e corrigir uma relação com o mundo, com os outros, vivida como desagradável. Para Soares (2000), o recurso a substâncias psicoactivas pode significar uma manobra que visa desviar a emergência de um afecto, potencialmente negativo, na relação com o outro. O consumo será uma espécie de ecrã entre o Eu e o mundo.

As fragilidades psíquicas devem ser olhadas à luz de défices relacionais mais ou menos precoces (relativos às principais figuras de vinculação, materna e paterna) (Alarcão, 2000). As famílias confrontadas com a toxicodependência têm presente, na maioria das vezes, problemas de carência de cuidados parentais muito precoces.

Não se pode, contudo, falar de uma tipologia de «família toxicodependente». Não é possível apontar um perfil do sistema relacional familiar toxicodependente mas, de acordo com vários autores, na sua maioria sistémicos, existem algumas regularidades características destas famílias, tidas como mecanismos familiares perturbadores.

E dos que surgem com maior frequência nestas famílias, relevamos para este estudo os três seguintes:

1. Os mitos familiares, enquanto conjunto de crenças partilhadas por todos os elementos da família, permitem criar, manter e justificar numerosos modelos interaccionais, tidos como verdades inquestionáveis, que servem para manter o *status quo* e a homeostase familiar. Estes mitos irão funcionar para as famílias como os mecanismos de defesa para os indivíduos (Gimeno, 2001) servindo de mecanismos protectores e alicerces da cadeia dos vividos familiares.

2. A família do toxicodependente encontra-se, frequentemente, emocional e relacionalmente emaranhada, sendo marcada no seu interior por uma grande difusão de fronteiras entre gerações, subsistemas e indivíduos. Num estudo realizado no nosso país, com toxicodependentes e os seus progenitores, Fleming (1996) observou uma forte tendência para a triangulação dos pais com o filho toxicómano.

3. As dificuldades no mecanismo de separação/individuação constituem umas das características mais evidenciadas e umas das dimensões claramente identificadas nas leituras intrapsíquicas e intra-sistémicas da toxicodependência. E em ambas a droga é entendida como uma pseudo-separação: num contexto de fortes dificuldades de separação individual e familiar, o comportamento aditivo reforça a dependência do consumidor face aos progenitores, mas dá-lhe a ilusão de autonomia e de independência, pela imposição de um tipo de vida rejeitado pelos pais, demais família e até pela sociedade (Stanton, 1979; Alarcão, 2000). O consumo de drogas ajuda a resolver o dilema da independência não estando o toxicodependente nem dentro nem fora da família (Ausloos, 1996).

São vários os autores referidos que, com investigações diversas, em amostras diferentes e utilizando metodologias distintas, têm chegado a conclusões bastante convergentes nesta área, onde a existência de correlações entre a toxicodependência e o relacionamento familiar aparece como evidente. Esta associação ganha ainda mais consistência se atendermos ao facto de a família ser o primeiro e principal meio de desenvolvimento e maturação do indivíduo. É no seio familiar que o indivíduo prepara a sua relação com o resto do mundo, e também consigo próprio. E se, como diz Fleming (1996:13), «o valor das laços e das relações afectivas se vai perdendo», surge uma necessidade

de exprimir o sofrimento daí proveniente, aqui declarado sobre a forma de toxicodependência. Ou expondo de outra forma, esses laços não se perderam, assumiram uma forma perturbada, que abalou todo o sistema relacional. E gerou-se uma espécie de «círculo vicioso» do qual a família não consegue sair.

O sofrimento da família cristaliza-se em torno da droga e do toxicodependente. As substâncias psicoactivas têm um valor e, até mesmo uma função no seio do sistema familiar — elas fazem desaparecer ou aparecer «coisas» que se querem mostrar ou esconder (Ausloos, 1996). Para Cusinato (1992) o membro sofredor serve de bode expiatório de toda a família ao sustentar o sofrimento dos outros membros. Toda a existência destas famílias se vai centrar na existência do toxicodependente, onde o comportamento aditivo permite o evitar de reais problemas de relação e funciona como escape para as tensões intrafamiliares.

Nas famílias com um elemento toxicodependente, segundo Cordeiro (1994), os *acting out* tomam o lugar da comunicação afectiva e a verbalização das dificuldades intrafamiliares e do contacto com a realidade, e são elementos essenciais do seu funcionamento regressivo. O toxicodependente protege o funcionamento familiar e é, contudo, gerador de sofrimento, abrindo uma fenda narcísica no ideal do Eu familiar. A toxicodependência, habitualmente descrita como causadora dos problemas familiares, é aqui considerada como consequência destes últimos, e mesmo como sacrifício consentido pelo toxicodependente sob a protecção da homeostasia da família (Geismar-Wierviorka, 1998).

3. MATERIAL E MÉTODOS

Partindo de uma evidência, o contexto relacional perturbado e perturbador das famílias com um elemento toxicodependente, surgiu a realização de um estudo que abordasse a relação do toxicodependente com a sua família, meramente unilateral, para averiguar qual a visão do elemento “problemático” sobre o contexto familiar.

O presente estudo foi realizado numa comunidade terapêutica para toxicodependentes do sexo masculino. Efectuou-se um levantamento de variáveis aos 22 indivíduos residentes na comunidade, com uma média de 5

meses de internamento. Destes 22, apenas 8 indivíduos se disponibilizaram a responder a uma entrevista. Os restantes demonstraram muitas reservas e dificuldades em abordar o assunto família, mesmo sendo garantida a estrita confidencialidade das respostas. A entrevista, constituída por 17 perguntas base, foi passada individualmente, e as informações obtidas na entrevista foram sujeitas a uma análise de conteúdo. Na análise de conteúdo privilegiou-se o sistema descritivo por permitir dar relevo ao contexto descoberta (Hebert, Goyette & Boutin, 1990).

4. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Caracterização da população

A população estudada, toxicodependentes do sexo masculino, tem idades compreendidas entre os 18 e os 41 anos, registando-se 10 indivíduos (45%) na faixa etária dos 25 aos 31 anos. 14 dos indivíduos (64%) são solteiros, encontrando-se 6 indivíduos (27%) divorciados, sendo os restantes 2 (9%) casados. O percurso académico de 14

(64%) dos toxicodependentes não ultrapassou o 9º ano. Apenas 8 indivíduos (36%) completaram o ensino obrigatório. Quanto à coabitação, 13 (59%) habitam com ambos os pais, 4 (19%) residem com a mãe, apenas 2 (9%) habitam sozinhos. 10 (45%) dos sujeitos possuem dois irmãos, 9 (41%) tem um irmão, apenas 2 (9%) são filhos únicos. Relativamente à actividade dos pais, 6 (27%) pais e 5 (23%) mães encontram-se na idade da reforma, enquanto 10 (47%) pais se encontram distribuídos por profissões de baixo escalão. 5 (23%) mães encontram-se na categoria de domésticas. É notório o número dos pais (6; 27%) já falecido/desaparecidos.

Análise das entrevistas

Através do sistema descritivo, na análise do material recolhido, destacou-se uma característica comum aos oito sujeitos – as contradições presentes ao longo do seu discurso, incidindo, principalmente, ao nível do contexto relacional familiar.

Quadro 1 – Exemplos de contradições

Exemplos de Contradições

- | | |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • «Sempre fui independente dos meus pais» • «Tenho uma relação boa com ele (o padrasto)» • «Daí vinham os conflitos entre eles» • «Havia um clima de respeito pelo meu pai que gerava muito medo» • «Havia harmonia no nosso lar» • «A minha mãe toda a vida me chamou vagabundo» | <ul style="list-style-type: none"> • «Deviam dar-me mais espaço» • «Apetece-me matá-lo» • «Não haviam conflitos em casa» • «A minha infância foi muito feliz» • «Sentia-me lá sufocado» • «Só me dava mal com o meu pai» |
|--|--|

As contradições, ao longo do discurso dos sujeitos, são constantes, como é possível verificar no gráfico. Apenas o

sujeito 4 apresenta uma mais baixa frequência de contradições.

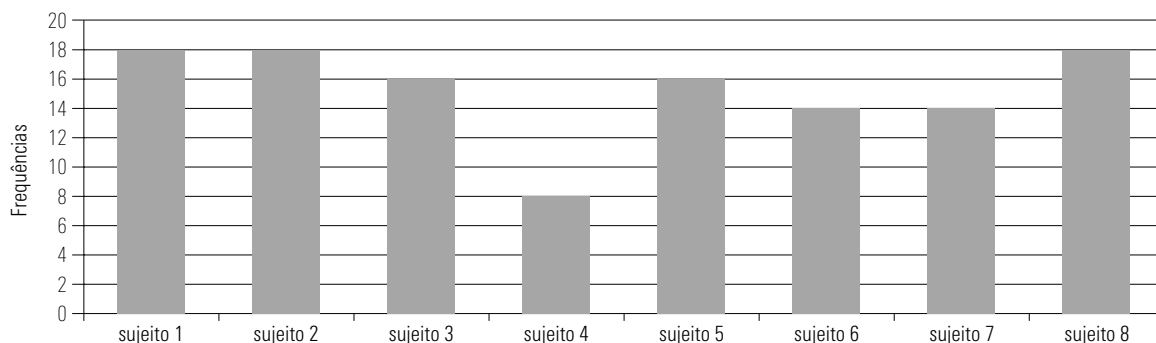


Gráfico 1 – Frequências obtidas nas contradições

A abordagem do relacionamento familiar suscita nos sujeitos um discurso incoerente, referindo, simultaneamente, um contexto familiar harmonioso e um contexto familiar perturbado. No início do discurso os sujeitos tendem a passar uma imagem familiar positiva, onde todos os elementos se dão bem, não existindo qualquer conflito entre eles. «*A minha relação com os meus pais é boa*» é uma afirmação que quase todos os sujeitos fazem como introdução à abordagem do assunto família. Mas esta percepção de harmonia vai-se desvanecendo ao longo da entrevista, escapando em declarações como «*sentia-me oprimido*», «*havia alguns conflitos*», «*deviam dar-me mais espaço*», até revelarem de forma directa que «*dava-me mal com todos*», «*o meu pai sempre me bateu*», «*chegando (o pai) a agredi-la (à mãe) violentamente*».

Mas, mesmo depois destas «*confissões*», voltam a encobrir esta atmosfera familiar dizendo que «*davam-se todos bem*», «*não haviam conflitos em casa*».

5. INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS/DISCUSSÃO

Nos resultados deste estudo foi possível encontrar no discurso de alguns sujeitos mecanismos familiares perturbadores já referidos por diversos autores. Esses mecanismos não se encontram aglomerados em todos os sujeitos mas todos eles apresentam um ou mais, o que permite enquadrá-los nas famílias ditas toxicodependentes. Verificou-se nesta amostra que, para alguns sujeitos, os consumos de droga funcionam como um mecanismo de pseudo-indivuação (Alarcão, 2000), de forma mais ou menos inconsciente. Afirmações como «*...permitia-me sentir uma certa autonomia e independência em relação aos meus pais*», «*a relação com os meus pais assumia uma forma mais distante*», ou «*as drogas levavam-me para um sítio seguro, longe da minha família*», demonstram a ilusão de independência familiar que o comportamento aditivo lhes proporciona. A toxicodependência, muitas vezes, justifica a comparência do filho no lar: «*Querem (os pais) que volte para junto deles quando acabar o tratamento. Dizem que estou bem é junto deles*», o que servirá para os pais «*evitarem*» a sua solidão.

O mito da harmonia familiar destaca-se no discurso de praticamente todos os sujeitos, «*a relação com os meus*

pais sempre foi boa», «*todos se davam bem*», «*não há nenhum atrito, nunca houve*». O mito funciona aqui como um mecanismo de «*defesa*» permitindo ao sujeito camuflar o conflito familiar.

Outro aspecto que se destacou na análise dos resultados refere-se à alusão a uma infância feliz presente em quase todos os indivíduos: «*foi muito feliz a minha infância. Tinha sempre tudo o que desejava*», «*se pudesse voltar o tempo atrás era para a infância que voltava*».

Mas, o que mais se salientou na análise das entrevistas foi a existência de contradições discursivas quando abordado o relacionamento familiar. Tanto referem a inexistência de problemas e de conflitos no ambiente familiar, como mencionam um clima marcado pela conflituosidade, onde se inscrevem agressões verbais e físicas, ou somente uma angústia latente. Poder-se-á falar em ambivalência, enquanto disposição mental contraditória, oscilando entre a harmonia familiar (desejada) e os conflitos (a realidade), contemporaneamente afirmados pelo sujeito.

As famílias são marcadas, todas elas, por interacções mistas. O conflito, que pressupõe um confronto, coexiste com emoções positivas. Temos que admitir, como um facto, que é na família que se registam com maior intensidade todos os tipos de relações conflituosas.

E os toxicodependentes apresentam, muitas vezes, uma ambivalência de sentimentos (Alarcão, 2000; Fleming, 1996). Este fenómeno encontra-se bem presente no mecanismo de individuação/separação, onde desejam ao mesmo tempo a sua independência familiar e permanecer junto da família. Os próprios pais, embora não conscientemente, mantêm a toxicodependência do filho, que é tida como problema e solução. A família pede ajuda para o seu problema, e simultaneamente, faz com que esse problema persista (Geismar-Wiervorka, 1998). São vários os autores que atribuem à toxicodependência uma dupla face no sistema familiar: disruptiva e homeostática. Os objectivos individuais e os objectivos familiares colidem, e a droga assume um papel unificador, servindo para «*controlar*» os conflitos, tanto interiores como exteriores.

André & Lelord (1999) referem-se a «*parentes tóxicos*» que prejudicam a auto-estima, e de acordo com Olievenstein (1989) a fraca auto-estima é verificada na maioria dos toxicómanos, impedindo a manutenção de relações

estáveis. Fleming (1996) fala de uma falsa auto-estima mantida pelos familiares desde a infância, e mantida agora pelo *objecto mágico* (Bergeret, 1990) – a droga, enquanto falso objecto de relação com fins unicamente narcísicos (Farate, 2000). E esta auto-estima «falsa» é agora dificilmente mantida pelos pais, e na ambivalência entre separação da família que já não o elogia, e a necessidade de aproximação, a droga surge como uma falsa resolução dos conflitos.

É notória a tentativa de manutenção do mito da harmonia familiar, apesar de já o próprio não acreditar nessa realidade, daí recorrer à infância feliz que viveu (ou que diz que viveu). O recurso ao passado surge como uma tentativa de compensar o presente.

O mito, enquanto construção cognitiva, transforma-se numa verdade inquestionável a que a família se apega para se proteger da realidade dolorosa ou insatisfatória. O mito da harmonia permite argumentar relativamente à sua felicidade, passada e presente, quando, na realidade, está a ocultar o conflito. Seria possível, nesta amostra, falar de distorção cognitiva, e também de denegação, enquanto manutenção fora da consciência da representação e do afecto ligados a um conflito.

As menções feitas à infância feliz pelos toxicodependentes enquadram-se nas relações negativas dos sentimentos com o passado descritas por Stern (1981), relativas à alusão da «felicidade» infantil. Surgem como um sentimento de pesar onde a ligação com o passado é vivida com intensidade, mas a ponte do passado para o presente está destruída, sendo vivida como uma falta dolorosa. Estes sentimentos retrospectivos, segundo o autor, são particularmente claros quando se lamenta o *paraíso perdido da infância*. Verifica-se uma construção da família ideal, em oposição à família real. O toxicodependente manifesta aqui um esquema cognitivo-afectivo da família ideal, já descrito por Gimeno (2001). Esta confusão entre o cognitivo e o afectivo, a contradição entre o papel vivido e o esperado é minimizada pela distorção cognitiva.

O discurso contraditório, encontrado nesta amostra, é despoletado pela dificuldade em aceitar uma relação vinculativa e pelo tipo de defesas que utiliza para manter a superficialidade relacional que lhe dá a ilusão de independência. Este registo defensivo serve de protecção da sua própria fragilidade psíquica.

Poderemos falar numa inconstância relacional nas «famílias toxicodependentes», tanto conseqüentes como conseqüência da toxicodependência, que vão gerar no sujeito conflitos internos e externos que influenciam na percepção que têm da atmosfera relacional da sua família. Esses conflitos provocam no indivíduo uma ambivalência de sentimentos, demonstrada no seu discurso, quando abordado acerca da família. Há uma negação da realidade familiar, e, na maioria das vezes, esse mecanismo de defesa é complementado pelo consumo de drogas que ajudam a fazer um desvio perceptual.

Mas nem sempre é possível iludir essa realidade, e ela surge como evidente para o indivíduo. Essa verdade é, então, encarada e revelada, em momentos de «lucidez». E, na mesma velocidade com que aparece essa «má» realidade, ela também desaparece, dando lugar apenas aos momentos familiares positivos (ou concebidos como tal). Regressa, novamente, a camuflagem. É um ciclo perceptual, originado pelos conflitos e pela ambivalência, do qual o indivíduo dificilmente sairá, porque ele próprio parece não ter consciência dessa sua dupla visão do contexto familiar.

6. CONCLUSÃO

O contexto relacional nas famílias dos toxicodependentes, como é possível verificar nesta amostra, é notoriamente perturbado. Só que, como já vários autores referiram, não é exequível estabelecer tipologias, ou seja, não existem modalidades familiares específicas a todas as famílias. E isso foi bem vincado por esta amostra, onde os relacionamentos familiares apresentam graves disfunções que, embora não possibilitando estabelecer novos padrões, podemos enquadrar estas famílias em certos mecanismos familiares perturbadores (mas nunca em todos).

As relações nas famílias com um elemento toxicodependente são, de facto, perturbadas e perturbadoras, mas cada uma tem a sua «perturbação», e para compreendê-las é necessário particularizá-las, como salienta Relvas (2000), «cada família é o que é...».

As contradições, as ambivalências encontradas com frequência e intensidade no discurso dos indivíduos devem ser tidas em conta para a compreensão do toxicode-

pendente e da sua família. Este dado, as contradições, sugere a ideia de disputa, o que permitiu realizar uma analogia – o relacionamento nestas famílias é um jogo. Há uma constante competição entre o toxicodependente e os restantes elementos familiares. Mas é um jogo perdido, logo à partida, por ambas as partes porque o que está a prémio são as relações. As relações envolvem emoções, afectos mútuos, tanto positivos como negativos, e um dos intervenientes sai, necessariamente, lesado, o que, de forma mais directa ou indirecta, mais consciente ou inconsciente, vai influenciar a «vitória» do outro interveniente. Daí que o jogo perdure indefinidamente, na busca de um resultado em que nenhum saia perdedor. Resultado esse difícil de obter porque não sabem como sair do círculo de conflitos em que entraram. Será talvez neste perigoso jogo relacional familiar que surgem os sentimentos ambivalentes.

Muitas das ambivalências não são mais do que uma manifestação concreta do carácter paradoxal da vida e da dificuldade de harmonizar os opostos, sobretudo na nossa cultura mais inclinada à dicotomia do que à conciliação. Em muitas situações a pessoa sente motivações contrárias, tais como o desejo de ser independente e o de não perder o vínculo com a sua família, como é notório no indivíduo toxicodependente. Daí que vários autores coloquem a toxicodependência nos processos de separação/individuação, procedente de uma falsa resolução dos conflitos. A intimidade e a carga afectiva tornam os conflitos familiares mais dolorosos, sobretudo nos casos em que são uma ameaça ao mito familiar de amor e protecção. Os sentimentos de desamparo, solidão, ciúmes, rivalidades, desconfiança, rejeição..., estão interditos, o que leva à denegação do conflito e à evasão das situações dolorosas. Enquanto o conflito não se resolve e persistem as emoções negativas, a família permanece próxima, obrigada a relacionar-se e a manter o mito previamente assumido. São os *laços invisíveis* (Gimeno, 2001), tão difíceis de desatar, que nos unem a um sistema familiar que, se nos traz descontentamento, facultam a segurança do já conhecido. E é esta procura de segurança que leva a refugiarmo-nos nas doutrinas e mitos familiares, encobrindo mais consciente ou inconscientemente a realidade mais perturbadora. Há uma tentativa de regulação da

proximidade/distância emocional entre os membros da família, onde se procura sobrepor as emoções negativas, pela alusão às emoções positivas, sentidas como tão distantes e escassas. Aqui a vivência infantil surge como um *paraíso perdido*, sítio esse onde já não se pode voltar, mas que se pode recordar amenizando o sofrimento presente.

«*Se me ausento, é porque desejo voltar, não como penitente, mas tal como os novos vínculos me possam restituir*», é a dupla mensagem que Morel *et al.* (1997: 164) «lêem» na toxicodependência, descrevendo-a como um campo minado de paradoxos e contradições.

Apesar de, como se tem vindo a averiguar ao longo deste trabalho, o sistema familiar ter um papel favorecedor no surgimento de uma patologia ou da reabilitação, tal afirmação não nulifica a decisão individual de alterar a própria conduta nem torna responsáveis da mesma forma todos os membros da família pela situação e sua possível evolução. Ou seja, como refere Gimeno (2001) o sistema modula mas não anula a iniciativa pessoal. Mas existem, sem dúvida, factores de ordem estrutural familiar que estão implicados na toxicodependência.

As variáveis familiares são um elemento fundamental da cadeia etiopatogénica da toxicodependência.

Contacto:

Ana Matos

Rua Dr. José Joaquim de Andrade e Silva, 21 e 23,
3510-079 VISEU

E-mail: Vermelhoescuro@mail.com

NOTA

(1) Leary, Timothy (1957). *La Politique de L'extase*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alarcão, M. (2000). *(Des) Equilíbrios familiares – uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto Editora.

André, C. & Lelord, F. (1999). *L'estime de soi*. Paris: Éditions Odile Jacob.

Ausloos, G. (1996). *A competência das famílias, tempo, caos, processo*. Lisboa: Climepsi Editores.

Bergeret, J. (1990). *Les toxicomanes parmi les autres*. Paris: Éditions Odile Jacob.

Cordeiro, D. J. (1994). *A saúde mental e a vida*. Lisboa: Edições Salamandra.

Cusinato, M. (1992). *Psicología de las relaciones familiares*. Barcelona: Editorial Herder.

Farate, C. (2000). "Consumo de drogas: entre a fragilidade do laço objectal e falência da relação com o outro o «risco relacional» de uma conduta (pouco) exemplar". In Soares, I. (Ed.), *Psicopatologia do desenvolvimento – trajectórias (in) adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto Editores.

Fleming, M. (1996). *Família e toxicodependência*. Porto: Edições Afrontamento.

Geismar-Wierviorka, S. (1998). *Nem todos os toxicómanos são incuráveis*. Lisboa: Terramar Editores.

Gimeno, A. (2001). *A família – o desafio da diversidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Hérbert, M.; Goyette, G. & Boutin, G. (1990). *Investigação qualitativa – fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.

Morel, A.; Hervé, F. & Fontaine, B. (1997). *Cuidados ao toxicodependente*. Lisboa: Climepsi Editores.

Olievenstein, C. (1989). *A clínica do toxicómano*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Relvas, A. (2000). *Por detrás do espelho*. Coimbra: Quarteto Editores.

Ribeiro, J. Salvado (1995). "Dependência ou dependências? Incidências históricas na formalização dos conceitos". *Toxicodependências*, 1 (3): 5-16.

Soares, I. (2000). "Psicopatologia do desenvolvimento e contexto familiar: teoria e investigação das relações de vinculação". In Soares, I. (Ed.), *Psicopatologia do desenvolvimento – trajectórias (in) adaptativas ao longo da vida*. Coimbra: Quarteto Editores.

Stanton, M. D. (1979). "Amíglia e tossicomania". *Terapia familiare*, 6: 99-115.

Stern, W. (1981). *Psicologia geral*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Sullerot, E. (1997). *A família – da crise à necessidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

ANEXO I

Entrevista

1. Ainda te lembras quando foi a tua primeira experiência com drogas «duras»? Em que idade? Qual o efeito esperado? Porque quiseste experimentar?
2. A droga ajuda-te no relacionamento com a tua família?
3. Quais são as pessoas mais próximas de ti neste momento? E a quem recorres quando precisas de falar dos teus problemas?
4. Como era a tua relação com os teus pais antes de te envolveres nas drogas? E hoje, como está essa relação?
5. Houve alguma situação/coisa na tua vida que fosse muito importante para ti e que tivesses que abandonar devido à droga? E qual a tua relação com essa situação/coisa neste momento?
6. Como reagiram os teus pais quando descobriram que te drogavas? Passado quanto tempo descobriram e como o descobriram?
7. A que factores atribuíram os teus pais a tua toxicodependência? Alguma vez se sentiram culpados?
8. Quando souberam que te drogavas os teus pais aproximaram-se mais um do outro?
9. Como era a relação das pessoas que viviam contigo? Como caracterizas o ambiente em tua casa?
10. Existiam ou existem conflitos em tua casa, antes e/ou depois da tua toxicodependência?
11. Como foi a tua infância? Privada de muitas coisas ou tinhas sempre o que querias?
12. O que é que os teus pais sabiam da tua vida? Havia partilha de informações entre pais e filhos? Com que frequência?
13. Como defines a educação que os teus pais te deram?
14. Com quem te davas melhor na tua família? E pior?
15. O que despertou em ti o desejo de recuperar? Influência de alguém ou de alguma situação?
16. Quantas recaídas já tiveste? Qual o motivo que apontas para as tuas recaídas?
17. Quando saíres daqui quem tens lá fora à tua espera? E com quem querias ir ter?

ANEXO II

Contradições encontradas por sujeito no sistema descritivo

Sujeito 1 (18)

A minha relação com os meus pais era boa
 Mas agora a minha relação familiar é boa
 Tinha ciúmes dos meus nove irmãos
 Meu pai atribuía as culpas à minha mãe
 Não afectou o relacionamento deles
 O meu pai culpava um pouco a minha mãe
 Nunca atribuíram as culpas a eles mesmos
 Não notei nada de diferente neles
 Acho que continuaram na mesma
 Daí vinham os conflitos entre eles
 Eu passava pouco tempo em casa
 Mas o ambiente lá era bom
 Não haviam conflitos em casa
 Os meus pais não sabiam nada da minha vida
 Às vezes até falava com os meus pais
 Éramos muito amigos
 E dava-me mal com todos os outros

Sujeito 2 (18)

A droga ajudava-me a contrariar a minha família
 Permitia-me sentir uma certa autonomia e independência em relação aos meus pais
 Os meus pais são as pessoas mais próximas
 A relação com o meu pai era muito má
 Não reagiram mal
 E esta relação piorou depois de eu começar a consumir
 De momento estão desiludidos comigo
 Tentaram ajudar-me
 Ofereceram-me todo o apoio
 Obrigaram-me a tratar
 Aumentaram as discussões
 A relação com os meus pais era boa
 O meu pai só me batia a mim por causa da droga
 O meu pai sempre me bateu
 Davam-se todos bem
 A minha irmã não fala comigo
 Foi uma infância feliz
 Apesar da pancada que o meu pai me dava

Sujeito 3 (16)

Não foi por influência de ninguém
 Todos nos influenciámos ao mesmo tempo
 A relação com os meus pais sempre foi boa
 A relação com os meus pais assumia uma forma mais distante com a droga
 A relação das pessoas que viviam comigo era boa
 Havia harmonia no nosso lar
 O meu pai culpava a minha mãe
 O meu pai sempre foi agressivo com minha mãe
 Chegando a agredi-la violentamente
 Não há conflitos lá em casa
 Foi uma infância muito feliz
 Passamos fome
 Tínhamos problemas com a minha avó que era muito severa
 Sentia-me sufocado
 Família e namorada é com eles que quero estar
 Tenho medo de voltar para casa

Sujeito 4 (8)

O convívio com as pessoas que consumiam foi importante
 Mas não fui propriamente influenciado por eles
 Era uma relação muito positiva apesar do excesso de autoridade do pai
 As relações familiares eram boas
 Havia um clima de respeito pelo meu pai que gerava muito medo
 A minha infância foi muito feliz
 Austeridade, autoridade e rigidez
 Sentia-me oprimido

Sujeito 5 (16)

A minha relação com os meus pais era muito boa
 Sempre fui independente dos meus pais
 Acho que os meus pais me super protegeram
 Os meus pais ajudavam-me financeiramente
 Até me ajudavam de mais
 Claro que sempre mantivemos um forte contacto
 Se calhar não deveriam estar tão presentes no meu casamento
 Nunca me faltou nada, muito ao contrário
 Eles davam-me muito apoio
 Eram pais muito presentes, muito preocupados comigo
 O excesso de liberdade que me deram
 Não havia conflitos entre ninguém na família
 Os meus pais afastaram-se um pouco
 É pior com as minhas irmãs, acho que têm ciúmes de mim, da relação com os meus pais
 Deviam dar-me mais espaço
 E quero ir viver com eles quando sair daqui

Sujeito 6 (14)

Existia um bom ambiente
 A minha família era má para mim
 Todos se davam bem
 Era uma mistura de desconfiança e harmonia
 Era uma educação baseada na liberdade de cada um
 Cada um fazia o que queria desde que os meus pais concordassem
 Não me punham a vista em cima
 Conflitos não existiam
 O meu pai era alcoólico por isso se separaram
 A minha mãe toda a vida me chamou vagabundo
 Só me dava mal com o meu pai
 Havia alguns conflitos
 Existiam entre nós diálogos muito produtivos
 Só faltou uma coisa essencial, carinho

Sujeito 7 (14)

Só não admito que ele levante a voz à minha mãe
 Tenho uma relação boa com ele
 Apetece-me matá-lo
 Damo-nos todos bem
 Eu sei que ser drogado afastou-o da minha mãe
 A minha situação não influenciou em nada
 Mal só me dou com o meu padrasto
 Apesar das brigas com o meu padrasto
 O ambiente em casa era bom
 O meu padrasto não aceitava viver na mesma casa que um drogado
 Parávamos de conversar
 Não há nenhum atrito, nunca houve
 O meu padrasto tentou várias vezes bater-me
 O meu padrasto é bom para mim

Sujeito 8 (18)

Sentia-me muito sozinho
 Eu e a minha mãe somos quase um só
 Prometi à minha mãe que nunca a abandonaria
 Até sou relativamente independente em relação à minha família
 Acho que não sabemos viver separados
 O ambiente em minha casa sempre foi muito bom
 Os meus irmãos sentem ciúmes de mim por ter uma ligação tão forte com a minha mãe
 Os meus irmãos estão um bocado afastados
 Mas havia muita harmonia e confiança
 Às vezes os meus irmãos tinham ciúmes de mim
 Todos os irmãos sempre se deram bem
 Não havia conflitos
 Os conflitos eram gerados pelos ciúmes
 Discussões que nunca levavam a lado nenhum
 Tinha medo de faltar quando ela precisasse devido às drogas
 Tinha muitas responsabilidades em cima de mim por causa da minha mãe
 Quero voltar rapidamente para junto dela
 Tem-me feito bem este tratamento longe de casa